

Produtores e teóricos de televisão: por uma interlocução possível

Ana Sílvia Lopes Davi Médola

Televisão – entre o mercado e a academia. Organizado por Elizabeth Bastos Duarte e Maria Lília Dias de Castro. Porto Alegre: Sulina, 2006; 311 pp.



Resumo: Com o propósito de minimizar o distanciamento entre produtores e pesquisadores de televisão, o livro organizado por Elizabeth Bastos Duarte e Maria Lília Dias de Castro é uma importante iniciativa para promover o debate entre o pensamento crítico de quem faz e de quem analisa produtos televisuais. As estratégias discursivas utilizadas para conquistar a audiência constituem tema central nesta coletânea que procura dar respostas a questões como as limitações do meio enquanto dispositivo de representação social, o papel da segmentação em gêneros e formatos de programas, bem como o estatuto da imagem em sua função informativa. Muito além das formulações teóricas ou dos relatos de uma prática, a contribuição maior é possibilitar a reflexão e o diálogo entre os atores envolvidos nos processos de produção e consumo televisuais.

Palavras-chave: televisão; gêneros televisivos; informação televisiva

Abstract: Television producers and theoreticians – The purpose of the book organized by Elizabeth Bastos Duarte and Maria Lília Dias de Castro is to minimize the relationship between television producers and researchers. It is an important initiative to promote a critical thought discussion between those who make and those who produce television products. The discursive strategies used to conquer the audience are the main theme in these collectanea, which seeks answers to questions about the limitation of the environment as a social representation device, the role of the segmentation of genres and of the format of programs, the statute of image in its informative function. The book goes beyond theoretical information and reports of the practice, its main contribution is to allow reflection and dialogue between the actors involved in the television production and consumption processes.

Key words: television; televisive genres; televisive information

Este último título da coleção *Estudos sobre o audiovisual* evidencia toda a complexidade da televisão como objeto de análise. A diversidade das abordagens e dos recortes teóricos lança olhares que buscam pensar a inserção cultural da televisão na contemporaneidade a partir de questões que vão dos gêneros à recepção, da estética dos produtos ficcionais ao papel educativo do meio, da ética aos interesses de comercialização. Uma coletânea que propõe em seu título refletir sobre a relação bastante distanciada que dificulta o diálogo entre os segmentos do mercado e da academia, integrantes de um mesmo processo, qual seja, a práxis enunciativa da televisão.

Constituindo um dos mais importantes dispositivos de construção simbólica, principalmente no tocante à realidade brasileira, o desafio apresentado é promover o diálogo entre vozes que, por seus discursos, instituem formas distintas de encarar a televisão, mais precisamente as ações que têm por finalidade a adesão do público. É essa a questão que impulsiona o trabalho dos produtores e mobiliza pesquisadores a compreender as estratégias adotadas para o estabelecimento da comunicação televisiva. Identificado o foco que mobiliza produtores e pesquisadores a atuarem neste campo, os artigos apresentados invariavelmente instigam o leitor a retomar as razões que forjam o distanciamento entre o mercado e a academia.

Se a lógica de mercado é base de sustentação do modelo de televisão que historicamente se estruturou no Brasil, independente do sistema de distribuição de sinais, e se a adesão do telespectador é a garantia de sobrevivência das emissoras, em que medida o diálogo entre produtores e teóricos torna-se produtivo e de que forma é possível estabelecer a conexão diante de posições às vezes antagônicas frente ao processamento, veiculação e apreensão dos bens simbólicos instituídos na relação comunicativa televisiva? Essa é uma das principais inquietações que perpassam a leitura do conjunto de textos. Quais são os pontos de conexão entre a reflexão e a prática?

O livro é resultado do Colóquio “Comunicação visual: gêneros e formatos”, promovido pelo Grupo de Pesquisa Processos de Significação Televisual: gêneros e formatos (GPTV), da Unisinos – Universidade do Vale dos Sinos – RS, em 2005. São 22 textos de colaboradores que atuam em emissoras e em centros de pesquisa brasileiros e também estrangeiros. Os ensaios, divididos em oito partes, estão organizados em eixos temáticos que contemplam a configuração da produção nos gêneros ficcional, informativo e de tele-realidade, oferecendo um amplo painel a respeito de como a comunicação televisiva reflete a sociedade e a cultura, forjando novos parâmetros estéticos.

Partindo da premissa de que configuração textual é um dos elementos que define gêneros e formatos, Elizabeth Bastos Duarte afirma em seu artigo que

o mundo natural não é a única fonte a partir da qual a televisão propõe realidades e as alimenta. O meio hoje vem desenvolvendo seus próprios percursos de acesso ao real, a partir dos quais constrói realidades de ordens diversas, materializadas nos produtos televisivos, sendo elementos determinantes na constituição dos gêneros televisivos.

Do caráter programático dos suportes eletrônicos, em geral, e a televisão, em particular, decorre a necessidade de formatações distintas dos conteúdos narrados. Ação necessária para atender o propósito mercadológico da adesão do público na maior escala possível, mas também dispositivo diferenciador para o estabelecimento de diferentes contratos enunciativos. Enquanto produtos culturalmente reconhecidos e superficialmente denominados por convenções classificatórias, os programas, independente do gênero e formato a que pertençam, forjam realidades industrialmente construídas e recortes de realidades que criam novas relações com o real.

A análise de *Hoje é Dia de Maria*, realizada por Valério Cruz Brittos e Denis Gerson Simões, vem corroborar com a idéia de que a televisão engendra artificialmente novas formas de percepção da realidade, constrói mundos paralelos ideologicamente preparados para promover outras sensibilidades e aderir a estéticas e a éticas que se sobrepõem à percepção do real. Para os autores, embora as temáticas apresentadas na microssérie analisada possam fazer referência a aspectos da realidade brasileira e, ainda que a sua qualidade estética seja apreendida no contato com elementos expressivos estranhos aos recursos já padronizados e plenamente decodificados pelo público, é fato que o conteúdo não corresponde, muitas vezes, ao mundo que procura retratar. Contextualizada no momento específico de sua produção e veiculação, a obra visa cumprir prioritariamente, segundo a linha argumentativa do texto, propósitos mais institucionais do que culturais.

Entre os gêneros em constante metamorfose, em função da busca incessante dos meios para manter o interesse do telespectador, está a ficção. As novidades podem ser observadas, de acordo com Anna Maria Balogh, em formatações cujas variantes estão na duração, nos temas, nas possibilidades de adaptações e no aumento da presença feminina nos meios produtivos. Mudanças que, no entanto, não negligenciam o cuidado técnico-expressivo. Ao fazer uma breve retrospectiva da história recente da produção de minisséries da Rede Globo, o artigo intitulado "Minisséries: temos novidades no front" identifica primeiramente uma adequação entre as formas de produção e realização das minisséries tendo em vista o caráter estruturalmente fechado da narrativa literária. Assim, desde a década de 1980, a emissora procura oferecer outras possibilidades de produtos ficcionais voltados a audiências mais seletas. Tal produção é respon-

sável por uma prática já adotada por emissoras estrangeiras, mas pouco usual no Brasil, que é a transformação de produções televisivas em filmes. Outra transformação discutida é a maior liberdade dada aos roteiristas nos processos de transposição de obras literárias para o audiovisual, favorecendo a exploração dos recursos de linguagem, além de reforçar a estética de uma inscrição modular, por vezes intertextual, à medida que o não compromisso com a integralidade da obra original favorece escolhas e conseqüentemente recortes fragmentários.

No entanto, a informação televisiva pensada a partir dos diferentes formatos é o eixo temático mais presente nesta obra. Constam da “pauta”, além do telejornal, a entrevista, a grande reportagem, o documentário. Nas proposições de análise verifica-se a preocupação em compreender as estratégias discursivas adotadas para atingir o telespectador, como no artigo “Das utilidades do conceito de modo de endereçamento para análise do telejornalismo”, de Itânia Maria Mota Gomes. Apresentando um inventário dos operadores de análise como a organização temática, o contexto comunicativo e os recursos da linguagem televisiva, a autora mostra de que forma o conceito de modo de endereçamento, utilizado inicialmente para a análise fílmica, é adaptado para interpretar a maneira como os programas televisivos estabelecem sua relação com a audiência.

Em outra perspectiva teórica, Yvana Fachine também trata da construção discursiva do telejornal, analisando com rigor a discursivização da temporalidade, mais especificamente, a transmissão direta enquanto recurso de construção da imediaticidade e da capacidade de interação do público. Valores, segundo a autora, perseguidos pelas mídias de um modo geral, mas que na estrutura do telejornal desempenha a função estratégica de conferir tanto um efeito de atualidade na divulgação da informação quanto de reforçar o sentido de presença entre os sujeitos da comunicação.

As interfaces da televisão com a educação são analisadas por Cristiane Mafacioli, ao revisar os processos educativos via TV, atualmente em curso no Brasil, demonstrando as principais questões relativas à produção discursiva voltada para a educação. É um estudo que aponta para a necessidade de transposição do conflito entre as finalidades pedagógicas e a linguagem de um meio que, se por um lado, tem a possibilidade de disseminar conteúdos educativos; por outro se encontra inserido no bojo de uma cultura do entretenimento. A lógica da diversão, no entanto, afina-se mais facilmente com os propósitos da comunicação publicitária, tema que Maria Lília Dias de Castro problematiza enfatizando o crescente movimento de integração da informação publicitária à formatação dos conteúdos apresentados, de modo a repensar o papel mediador da televisão frente à diluição das mensagens de caráter publicitário por toda a grade e não mais apenas nos intervalos dos programas.

Essa imprecisão nos limites das fronteiras parece ser a tônica de uma televisão em constante busca por renovação de suas próprias referências. A telerrealidade como um formato de programa transnacional, cujo maior representante é o *Big Brother*, é o principal exemplo do hibridismo entre ficção, informação e publicidade. As implicações das construções discursivas do fenômeno social que representa a audiência do novo gênero são abordadas no artigo de Cosette Castro, que procura lançar “um olhar voltado para os aspectos culturais, para as representações identitárias e para as estratégias de comunicabilidade que aparecem através do corpo”.

As bases de sustentação da telerrealidade estão presentes também no artigo de François Jost. Interessado em problematizar a construção discursiva da transmissão direta como fundamento de acesso ao real, seu percurso argumentativo estabelece novos parâmetros para a compreensão da ditadura do tempo e do estatuto da imagem em sua função informativa, procurando precisar o lugar do saber na interpretação do que é visível em televisão. Com base na premissa de que os gêneros televisuais são pensados e interpretados em função dos mundos real, fictício e lúdico, o autor demonstra como se processa na telerrealidade a contaminação entre os gêneros do real.

A leitura deste livro, fundamental para os interessados em pensar os processos de produção e consumo de televisão, aponta para a necessidade de se traçar uma nova trajetória em que o exercício da reflexão crítica sobre o meio seja compartilhado por produtores e pesquisadores de televisão e constitua a base de um diálogo produtivo, pois a relação entre o mercado e a academia ainda é frágil e está por ser construída.

ANA SÍLVIA LOPES DAVI MÉDOLA é doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp e do Grupo de Estudos Audiovisuais, é também membro do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (PUC-SP – CNRS – USP). asilvia@faac.unesp.br